

TECENDO NARRATIVAS: CUIDADO SUFICIENTEMENTE BOM EM UMA USF

LARA IRENE LEITE DA COSTA¹; RITA DE CÁSSIA MACIAZEKI-GOMES².

¹Universidade Federal do Rio Grande – laraleite.psi@gmail.com

²Universidade Federal do Rio Grande – ritamaciazeki@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente resumo traz uma pesquisa narrativa, com reflexões disparadas a partir da minha experiência enquanto residente em um programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família. Entre tantas questões que se atravessam nesse trabalho, prioriza-se pensar como operar um cuidado possível, ou suficientemente bom no trabalho multiprofissional em saúde, em uma Unidade de Saúde da Família, em um contexto pandêmico.

É no SUS que nos deparamos com a Política Nacional de Humanização (PNH), criada em 2003 a partir da necessidade de construir iniciativas de humanização, ofertar atendimento digno à população, solucionar problemas na gestão e melhorar a qualidade das condições de trabalho em saúde (PASCHE et al., 2011). A política conta com algumas diretrizes, dentre elas a diretriz do acolhimento, que fala sobre a formação de vínculo entre equipe e usuários, favorecendo o reconhecimento das necessidades em saúde e das singularidades do usuário através de uma escuta qualificada; a ambiência é a diretriz sobre a construção de espaços que sejam saudáveis, acolhedores, confortáveis, que possam garantir privacidade e que sejam locais de trocas e encontros; a valorização do trabalhador, por sua vez, é traduzida na valorização da experiência dos trabalhadores de saúde e o incentivo de sua participação nas tomadas de decisão (BRASIL, 2015).

Para pensar em outras dimensões do cuidado trago Donald Woods Winnicott, médico e psicanalista inglês. De acordo com o autor, existe algo como uma linha do amadurecimento que começa nos estágios iniciais da vida, como os estados de dependência absoluta e dependência relativa e indo rumo à independência. E acompanhando os indivíduos está o ambiente, que sustenta e torna possível o amadurecimento (DIAS, 2017). WINNICOTT (1963), descreve a dependência absoluta como o estágio onde o bebê é completamente dependente dos cuidadores. O ambiente, que inicialmente são esses cuidadores, tem papel de ser ambiente facilitador, capaz de propiciar ao bebê condições físicas e emocionais para se desenvolver (ARAÚJO, 2007). É na dependência absoluta que se torna possível o *holding*, que é descrito por ele como o ato de segurar, sustentar, cuidar, prover o lactente com aquilo que ele necessita (WINNICOTT, 1983).

Ao longo da vida adulta o *holding* também pode se fazer necessário para sustentar e prover o sujeito com o que ele precisa naquele momento (MEDEIROS; AEILLO-VAISBERG, 2014). O *holding* realizado pelo profissional de saúde, permitindo que sustente e acolha o usuário, vai ao encontro da diretriz de acolhimento. CERVINI (1998) relembra que o colo materno é a primeira morada onde podemos experienciar sermos sustentados, cuidados e providos. Os espaços físicos que frequentamos também podem cumprir essa função, tal qual postula a diretriz de ambiência. Para que o ambiente dos serviços de saúde se torne suficientemente bons, é necessário que as próprias condições de trabalho tornem viável que o trabalhador também encontre sustentação, assim como prevê a diretriz de valorização do trabalhador.

2. METODOLOGIA

Este texto se constitui numa pesquisa narrativa, uma estratégia de registrar e compartilhar vivências que passam a ser narradas. Na pesquisa narrativa vivemos histórias e no contar dessas histórias nos reafirmamos, nos modificamos e criamos novas histórias (CLANDININ; CONNELLY, 2011).

Para tal, utilizei o diário de campo, um instrumento que possibilita a historicização, registro do cotidiano, análise dos eventos. É um instrumento de intervenção que permite pensar e romper com ordens previamente instituídas (NASCIMENTO; LEMOS, 2020). Os registros no diário de campo se relacionam ao período de 15/06/21 a 22/11/22. A escrita no diário era feita após o expediente, sendo registradas impressões, cenas e pensamentos advindos do cotidiano de trabalho na USF, além de reflexões disparadas a partir de falas de colegas e usuários. Para o estudo foram selecionados alguns trechos para ilustrar e auxiliar na interlocução entre a prática e a PNH e conceitos da teoria do amadurecimento de Winnicott. Foi resguardado o sigilo e colegas e usuários não foram identificados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Trecho 1:

Hoje conversei com a médica. Agradeci pelo suporte que me deu nos casos que tenho atendido. Soube que hoje ela foi a um médico pela manhã, um psiquiatra. Voltou para a unidade mais comunicativa. Conversamos sobre nossa atuação em conjunto e sobre como tem ajudado. Falamos também sobre o mal-estar da profissão... Ela também sente medo e sobrecarga. Quando era residente, também questionava sua atuação. "Tá todo mundo meio mal", foi o que dissemos uma à outra ao comentarmos sobre nosso choro e sobrecarga na última sexta.

Fiquei pensando: "Quem cuida de quem cuida?" (Diário de Campo, junho de 2021).

Trecho 2:

Hoje a enfermeira da unidade chamou a equipe para repassar algumas informações sobre um fluxo de acolhimento e atendimento para crianças e adolescentes vítimas de violência sexual. Alguns profissionais expressaram seus receios e dificuldades em acolher esse tipo de demanda. Fico pensando que, quando temos determinadas feridas, é difícil acolher a do outro que se parece com a nossa. Como é importante nos sentirmos inteiros para estarmos disponíveis para o acolhimento... (Diário de Campo, novembro de 2022).

Os dois trechos remetem à diretriz de valorização do trabalhador. No Trecho 1, existe um medo e um questionamento da própria atuação. Entretanto, apesar do questionamento ser saudável, é necessário entender que sozinho não se promove saúde. A insegurança também aparece no Trecho 2, mas evocando um outro tipo de questão: a dificuldade pessoal para estar disponível para atender a uma demanda. CAMPOS (2006) reflete sobre o cansaço, a sobrecarga e o adoecimento psíquico de profissionais da saúde que, segundo ele, são profissionais sob tensão. Para o autor, é preciso que as equipes de saúde encontrem espaço para se sentirem seguros e sustentados para sustentarem os seus pacientes.

Trecho 3:

Hoje a unidade estava cheia e quase não encontrei sala para atender. Essa é uma das limitações: o espaço físico (...) (Diário de Campo, agosto de 2021).

Trecho 4:

Estão sendo realizadas mudanças e reajustes na unidade, pois o número de estudantes de medicina aumentou. Fizeram um novo consultório para a médica. Os médicos têm, agora, três consultórios.

A sala que antes era da equipe multiprofissional agora vai se transformar na sala das enfermeiras. Uma colega residente sugeriu que eu me mudasse de sala, pois esta seria ocupada (Diário de Campo, setembro de 2021).

Os trechos acima remetem à ambiência. Na USF em questão, o espaço físico é um fator que com frequência gera contratemplos. A diretriz de ambiência orienta que os espaços dos serviços de saúde sejam capazes de serem acolhedores e, além do mais, o espaço adequado o profissional é fator importante, pois comprehende-se que com o instrumental e condições adequadas para o trabalhador o ambiente, os serviços e o trabalho se tornam mais humanizados.

Trecho 5:

Hoje acolhi um novo caso. A pandemia tem nos afetado muito e estando na atenção básica em plena pandemia consigo testemunhar o quanto estamos adoecidos. A senhora havia pegado COVID duas vezes e a pandemia fez com que vários conteúdos que vinha reprimindo viessem à tona com força total. Ela chorava e ficava bastante inquieta, como se aquela angústia não coubesse dentro de si. Seu choro era doído, como quem guarda algo por anos e, ao permitir que aquilo seja expresso, acaba se machucando. É como se o que dói saísse rasgando o peito, a garganta, as entradas. Parecia garotinha acuada, amedrontada. Mexia muito com as mãos, não cabia dentro de si. Senti vontade de segurar suas mãos, de contê-la de alguma forma, de dar contorno, de ser continente (...). Mas temi. O que pode ser cuidado, nos tempos atuais, também pode oferecer perigo. Ainda assim me levantei e acariciei suas costas. Ela chorava e olhou para mim com olhos marejados e expressão sofrida. Os olhos são um meio de comunicação: tentei sorrir com os olhos para fazê-la sentir que estava ali com ela. (...).

Outra vez, há um tempo, uma mulher procura o posto, estava em meio a uma crise de pânico. Ela agarrou meus braços e pedia que eu tirasse aquela sensação ruim (Diário de Campo, junho de 2021).

Trecho 6:

Hoje foi o primeiro dia de atendimentos. Revi pacientes que acompanhava e foi importante ver que eles seguiam. Uns melhores, outros nem tanto, mas seguiam e resistiam.

Uma das pacientes ao sair disse: 'eu me saí melhor do que a gente esperava', ao que eu respondi que na verdade, ela se saiu melhor do que ela esperava, pois eu sabia que ela ficaria bem (Diário de Campo, novembro de 2021).

Relendo o relato percebe-se o quanto existia em mim um desejo de conseguir retirar a dor das pacientes. A impotência advinha da minha condição enquanto humana que não é um ser onipotente. DANTAS JÚNIOR (2019) diz que a onipotência do profissional é algo inexistente e, ao tentar solucionar tudo para o paciente, podemos retirar do próprio sujeito a oportunidade de nomear sua angústia e elaborar seu sofrimento.

4. CONCLUSÕES

Esse trabalho emerge das minhas experiências enquanto uma psicóloga residente em Saúde da Família, entretanto, entendo que as discussões geradas podem auxiliar os demais profissionais que atuam na ESF. Enquanto profissionais de saúde não temos a possibilidade de solucionar todas as iniquidades sociais, mas, com o acolhimento adequado e criando um ambiente facilitador podemos dar oportunidade ao usuário de experimentar ser cuidado e se fortalecer.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, C. A. S. O ambiente na teoria do desenvolvimento emocional. In: ARAÚJO, C. A. S. **Uma abordagem teórica e clínica do ambiente a partir de Winnicott**. 2007. 204 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica)-Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Repositório PUCSP, 2007. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/15641/1/Conceicao%20A%20Serralha%20de%20Araujo.pdf>>.

BRASIL. Secretaria de Atenção à Saúde. **Folheto sobre a Política nacional de humanização** – PNH, 2015.

CAMPOS, E. P. Equipe de saúde: cuidadores sob tensão. **Epistemo-Somática**, v.3, n.2, p. 195-222, 2006. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epistemo/v3n2/v3n2a05.pdf>>.

CERVINI, E. A casa-ambiente. Anotações sobre arquitetura e psicanálise de Winnicott. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v.1, n.3, 63-88, 1998. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1415-47141998003004>>.

CLANDININ, D. J., Connelly, F. M. **Pesquisa Narrativa**: experiência e história em pesquisa qualitativa. 1. ed. Tradução do Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. UDUFU, 2011.

DANTAS JÚNIOR, A. Psicanálise e neutralidade: a transferência e a promessa de felicidade. **Reverie**: revista de psicanálise, v.12, n.1, 6-14, 2019. Disponível em: <<http://www.bivipsi.org/wp-content/uploads/2019-1-reverie-1.pdf>>.

DIAS, E. O. **A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott**. 4 ed. São Paulo: DWW Editorial, 2017.

MEDEIROS, C.; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. Reflexões sobre holding e sustentação como gestos psicoterapêuticos. **Psicologia Clínica**, v.16, n.2, 49-62, 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pc/a/wLtHmFGfDBWy4vR5Mwdt9Nb/?format=pdf&lang=pt>>.

NASCIMENTO, M. L.; LEMOS, F. C. S. A pesquisa-intervenção em psicologia: Os usos do diário de campo. **Barbarói**, n.57, p. 239-253, jul-dez. 2020.

PASCHE, D. F.; PASSOS, E.; HENNINGTON, E. A. Cinco anos da Política Nacional de Humanização: trajetória de uma política pública. **Ciências & Saúde Coletiva**, v.16, n.11, p. 4541-4548, 2011.

WINNICOTT, D. W. Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo (1963). In: WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação**. 1 ed. Porto Alegre: Artmed, 1983.

WINNICOTT, D. W. Teoria do relacionamento paterno-infantil (1960). In: WINNICOTT, D.W. **O ambiente e os processos de maturação**. 1 ed. Porto Alegre: Artmed, 1983.